

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

BÁRBARA MODENES ZACRI
THAYNÁ CORREA LEMOS ANDRADE

**DESAFIOS ENFRENTADOS NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO POR PESSOAS
COM SURDEZ E DEFICIÊNCIA AUDITIVA NO ESTADO DE SÃO PAULO**

BEBEDOURO/SP

2021

BÁRBARA MODENES ZACRI

THAYNÁ CORREA LEMOS ANDRADE

**DESAFIOS ENFRENTADOS NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO POR PESSOAS COM
SURDEZ E DEFICIÊNCIA AUDITIVA NO ESTADO DE SÃO PAULO**

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado como
requisito para obtenção de
título de Bacharel em
Psicologia pelo Centro
Universitário Unifafibe.

Orientadora: Angela Catuta
Ferreira Ebner

BEBEDOURO/SP

2021

**DESAFIOS ENFRENTADOS NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO POR PESSOAS COM
SURDEZ E DEFICIÊNCIA AUDITIVA NO ESTADO DE SÃO PAULO**

**CHALLENGES FACING EDUCATION BY PEOPLE WITH DEAF AND HEARING
IMPAIRMENT IN THE STATE OF SÃO PAULO**

Bárbara Modenes Zacri¹

Thayná Correa Lemos Andrade²

Angela Catuta Ferreira Ebner³

RESUMO

O atual trabalho teve como público alvo os profissionais da educação que possuem ou não experiência com alunos surdos e/ou deficientes auditivos. No censo do IBGE em 2010 foi registrado 9.717.318 pessoas que possuem esta condição, considerando este número e a importância do conhecimento para o desenvolvimento dos indivíduos, a educação deve proporcionar condições adequadas, oferecer suporte necessário para a aprendizagem e auxiliar no processo de socialização desta população. O objetivo do estudo foi investigar no Estado de São Paulo as dificuldades enfrentadas por estes estudantes através da visão dos profissionais, além de pesquisar a formação e capacitação dos mesmos. Os dados desta pesquisa foram coletados através de questionário remoto com perguntas fechadas e abertas, os resultados obtidos foram analisados de forma quantitativa e qualitativa, apresentados por meio de gráficos. Colaboraram com o questionário 24 profissionais, 80% dos participantes que possuem experiência relataram que os alunos surdos e deficientes auditivos apresentam algum tipo de déficit na aprendizagem, além disso, 73% afirmaram que a socialização é um dos desafios enfrentados por esses sujeitos. O trabalho analisou diversos temas, em geral, a pesquisa possuiu como finalidade refletir como os fatores citados influenciam na saúde mental dos alunos.

Palavras-chave: Deficiência auditiva, Surdez, Educação Inclusiva e Psicologia Escolar .

ABSTRACT

The current work had as target audience education professionals who is or isn't experienced with deaf and or hard hearing students. The IBGE census in 2010

¹ Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário UNIFAFIBE em Bebedouro, SP. E-mail: barbara.senhor@gmail.com

² Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário UNIFAFIBE em Bebedouro, SP. E-mail: thaynacorreia99@gmail.com

³ Docente e orientadora do Centro Universitário UNIFAFIBE em Bebedouro, SP. E-mail: angela.catuta@gmail.com

registered 9,717,318 people with this condition, considering this number and the importance of knowledge for the development of individuals, education must provide adequate conditions, offer the necessary support for learning and assist in the socialization process of this population. The aim of the study was to investigate the difficulties faced by these students in the State of São Paulo through the professionals' perspective, in addition to researching their education and training. The data of this research were collected through remote questionnaires with closed and open questions, the obtained results were analyzed quantitatively and qualitatively, presented through graphics. 24 professionals collaborated with the questionnaire, 80% of the participants who have experience reported that deaf and hearing impaired students have some kind of learning deficit, in addition, 73% said that socialization is one of the challenges faced by these subjects. The work analyzed several themes, in general, the research aimed to reflect how the mentioned factors influence the mental health of students.

Keywords: Hearing deficiency, Deafness, Inclusive education and School psychology.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem como foco principal evidenciar a importância da educação dedicar-se de modo mais ativo a respeito da população surda e com deficiência auditiva, sendo assim, para dar embasamento a esta pesquisa serão apresentadas informações fundamentais para compreensão das dificuldades enfrentadas por estes indivíduos.

Para iniciar a temática é necessário informar que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), registrou que o percentual de deficientes auditivos são 5,1% da população, correspondendo a 9.717.318 pessoas, a deficiência severa foi relatada por 2.143.173 indivíduos, sendo 344.206 (0,2%) pessoas surdas e 1.798.967 (0,9%) de sujeitos com grande dificuldade de ouvir. Visto que, o Censo Demográfico foi realizado em 2010, é possível que tenham ocorrido alterações nestas porcentagens.

O uso das terminologias surdo e deficiente auditivo é outro ponto relevante que deve ser discutido, para esclarecer Sasaki (2002) explica que no plano pessoal fica por conta de cada pessoa a decisão de como ser chamada, em geral, pessoas com surdez, leve, moderada ou acentuada usam a expressão deficiência auditiva, já as que têm surdez, severa, profunda ou total referem-se a si mesmas como surdas. Entretanto o Decreto nº 5.296 (BRASIL, 2004) define que deficiência auditiva é a perda bilateral, parcial ou total, de 41 decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500HZ, 1.000HZ, 2.000HZ e 3.000Hz.

Além desse fato, o termo surdo-mudo é comumente usado na sociedade para se referir a esta população, todavia é incorreto, os surdos não são mudos necessariamente, uma vez que possuem o seu aparelho fonador em excelentes condições de desenvolvimento, pois a falta de audição não atrapalha diretamente na condição fisiológica da oralidade, no entanto como a maioria não tem referência auditiva, acabam não desenvolvendo a oralização da mesma forma que os sujeitos ouvintes (Almeida, 2013a).

Sendo assim, após o levantamento destes pontos relacionados aos termos usados, é fundamental relatar sobre a ferramenta utilizada por estes indivíduos para desempenharem sua comunicação, a Lei Nº 10.436, de 24 de

abril de 2002 (BRASIL, 2002) dispõe que a Língua brasileira de sinais (LIBRAS) é uma forma de comunicação e expressão, composta por um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, que compartilha ideais e fatos originários das comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Diante da realidade da população surda e deficiente auditiva, aprender e se comunicar através de LIBRAS é essencial e deveria ser um ato habitual desde a primeira infância, além disso, vale destacar o quanto seria significativo para as relações com a população ouvinte que também utilizassem esta linguagem. Para Almeida (2013b) aprender esta língua é um desafio enriquecedor, pois ressignifica as relações sociais entre surdos e ouvintes, agrega valores qualitativos e quantitativos e estabelece o diálogo e a interação transcultural perante o olhar da diversidade.

A infância é uma das etapas na qual a criança está em constante desenvolvimento biopsicossocial, portanto é possível que acontecimentos desta fase podem impactar a vida do sujeito tanto positiva quanto negativamente. Borborema e Aguilera (2017) afirmam que a deficiência auditiva na infância pode acarretar prejuízos sociais e psíquicos, considerando que este é o período em que o mundo está sendo exposto à criança e existe a probabilidade que ela não consiga compreendê-lo, pois o processo de comunicação é afetado, a interação com o meio social é uma maneira de possibilitar a otimização do desenvolvimento.

Levando em conta que a educação é um processo que tem como foco a aprendizagem e se inicia no começo da infância, pode-se considerar que é de extrema importância para o desenvolvimento destes indivíduos neste período. Souza (2018), revela que a comunidade surda sofreu ao longo de mais de 2000 mil anos, sendo considerados desde não-humanos até ineducáveis e ainda após o início do processo de educação sofreram por mais de 100 anos com a imposição do oralismo, prejudicando assim o desenvolvimento tanto das línguas de sinais, como do estudo delas, mesmo com todas estas dificuldades a população surda nunca deixou sua língua morrer, lutaram por reconhecimento, portanto o bilinguismo é uma realidade brasileira arduamente construída ao longo da história.

O Artigo 205 da Constituição Federal (BRASIL, 1988) informa que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, sendo promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, possuindo como objetivo o pleno desenvolvimento, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. Sendo assim, fica evidente que a comunidade surda e deficiente auditiva possui direito a educação e esta deve ser desenvolvida de modo inclusivo e acessível.

Deste modo pode-se citar a escola como um dos agentes responsáveis em proporcionar o ensino e a aprendizagem dos estudantes, desenvolvendo assim aspectos psicológicos, culturais e sociais. Este ambiente também exerce um papel fundamental para consolidar a socialização e promover benefícios ao decorrer da vida do sujeito, construirá parte da identidade de ser e pertencer ao mundo, através de modelos de aprendizagem, aquisição dos princípios éticos e morais que permeiam a sociedade (BORSA, 2007).

Em vista disso, a aprendizagem dos alunos surdos e deficientes auditivos é certificada pela legislação Brasileira no Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005), o qual informa que o sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão do ensino da Língua Brasileira de Sinais nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, sendo esta mais uma lei que busca a inserção adequada destes indivíduos nas escolas.

Outra problemática a ser levantada é sobre a dificuldade de socialização destes alunos, que por vezes estudam em escolas em que a maior porcentagem é de crianças ouvintes, este é um fato que interfere em suas relações interpessoais. Segundo Lacerda (2006, p. 177), o aluno surdo assim como qualquer criança, passa por desenvolvimentos da linguagem, processos identificatórios e construção de valores sociais e afetivos, na escola as crianças aprendem e vivenciam regras de convivência social, formação de grupo e de valores sociais fundamentais para a adaptação da vida em sociedade, além de experienciarem de forma mais aberta e menos protegida, as emoções e afetos, o que pode proporcionar sucesso, insucesso, ciúmes, competição e raiva; sentimentos importantes de serem conhecidos e exercitados para o convívio social, sendo nesta etapa da vida que os

processos identificatórios se consolidam e o aluno surdo, sozinho no ambiente escolar, pode enfrentar uma série de desafios.

Considerando os aspectos psicológicos já citados que influenciam a vida destes indivíduos, se mostra essencial uma visão direcionada a interação da Psicologia e Educação Inclusiva. Macêdo e Torres (2017, p. 1157), afirmam que estas áreas são a junção de estudos sobre Psicologia e Inclusão Social, no qual se analisa as relações de ambas, para o desenvolvimento de uma maior probabilidade de acessibilidade de forma consciente e permanente em todas as esferas. A psicologia inclusiva auxilia o empoderamento do processo de dar voz às pessoas com deficiências, que por algum motivo são silenciadas, desta forma os profissionais atuantes neste contexto devem se pautar no compromisso social, possibilitando que o atendimento se torne mais acessível e oferecendo seus serviços para contribuir com a sensibilização do olhar diferenciado para estes indivíduos, sem os enquadrar e normatizá-los pelas suas limitações.

Pode-se concluir diante de todo o exposto que esta pesquisa tem como finalidade proporcionar uma maior visibilidade da interlocução entre Psicologia e Educação para a comunidade surda e deficiente auditiva.

2. OBJETIVO

A presente pesquisa possui o objetivo de buscar informações sobre a formação e capacitação dos profissionais da educação em relação a LIBRAS, além de verificar se ocorreu ou ocorre déficits na aprendizagem e socialização destes alunos no ambiente escolar.

Investigou a perspectiva de profissionais da educação através da pesquisa em campo, realizada remotamente, as principais dificuldades enfrentadas no ambiente escolar pelos alunos surdos e/ou deficientes auditivos. A análise dos dados é apresentada de modo quantitativo e qualitativo, apontando assim as principais dificuldades encontradas no ambiente escolar pelos alunos surdos e/ou deficientes auditivos por meio da visão destes profissionais.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Para realizar a investigação desta pesquisa ocorreu a execução de 2 questionários, um para profissionais da área da educação que possuem experiência com aluno surdo e/ou deficiente auditivo e outro para profissionais que não possuem tal experiência, sendo respectivamente o primeiro contendo 19 perguntas e o segundo 9 perguntas. Disponibilizados através da plataforma Google Forms com questões abertas e fechadas, recebendo assim respostas de 24 participantes.

As pesquisadoras enviaram os formulários para diversos trabalhadores do âmbito educacional, residentes no estado de São Paulo e sugeriram o compartilhamento dos questionários para outros profissionais da área da educação. O processo de divulgação ocorreu por meio das redes sociais, Whatsapp, Facebook e Instagram.

Para aplicar os questionários foi preciso que os participantes assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com a finalidade de proporcionar compreensão sobre informações da pesquisa, ciência do resguardo, do sigilo, e disposição das estudantes e orientadora para esclarecer dúvidas, e para isto foi informado os contatos das mesmas.

Esta análise foi realizada através das respostas obtidas nos questionários e utilizou dois métodos quantitativos. Sendo o primeiro a medida da moda que avalia quais respostas aparecem com maior frequência, o segundo método é a correlação, que tem o objetivo de medir se existe e o grau de dependência entre duas variáveis escolhidas, além da análise qualitativa.

As variáveis escolhidas para ocorrer a coleta dos dados estão relacionadas à experiência, formação, especialização e atuação destes profissionais, além de investigar a comunicação em LIBRAS e desafios enfrentados pelos trabalhadores e alunos. Para mensurar as respostas obtidas utilizaram-se gráficos e tabelas; e para a realização da análise dos resultados as pesquisadoras usaram apenas artigos dos últimos 5 anos, contudo as leis que foram utilizadas não fizeram parte deste critério.

Ao final do trabalho estão anexados os modelos do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e os questionários.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para iniciar a discussão sobre os resultados obtidos na pesquisa é fundamental delinear os perfis dos participantes. Uma das informações coletadas foi as cidades do estado de São Paulo que os indivíduos residem, sendo elas, Barretos (9 repostas), Bebedouro (4 respostas), São Paulo (4 respostas), Colina (2 respostas), Praia Grande (2 respostas), São Caetano do Sul (1 resposta), São Joaquim da Barra (1 resposta) e Salto/Itu (1 resposta).

Outra informação essencial sobre os participantes é a formação que possuem, as respostas obtidas foram apresentadas na tabela 1.

Tabela 1 – Formação acadêmica dos profissionais

Participantes	Formação acadêmica
Participante 1	Licenciatura em Química, Licenciatura em ciências, Licenciatura em Física, Pós em psicopedagogia, Pós em neurociências e Pós em Libras.
Participante 2	Licenciatura em filosofia, história e geografia.
Participante 3	Pedagogia e Letras.
Participante 4	Graduação em Filosofia, História e Pedagogia.
Participante 5	Ciências Biológicas.
Participante 6	Pedagoga bilíngue especializada na área da educação especial.
Participante 7	Superior completo.
Participante 8	Ciências biológicas.
Participante 9	Licenciatura em Artes Visuais.
Participante 10	Pedagoga.
Participante 11	Pedagogia.
Participante 12	Pós graduação Educação Infantil.
Participante 13	Pedagogia intérprete de Libras.
Participante 14	Psicóloga.
Participante 15	Pedagogia.
Participante 16	Educação especialista.
Participante 17	Magistério e pedagogia.
Participante 18	Intérprete de Libras.
Participante 19	Professora.
Participante 20	História.
Participante 21	Sociologia.
Participante 22	Professora.
Participante 23	Pedagogia.
Participante 24	Letras.

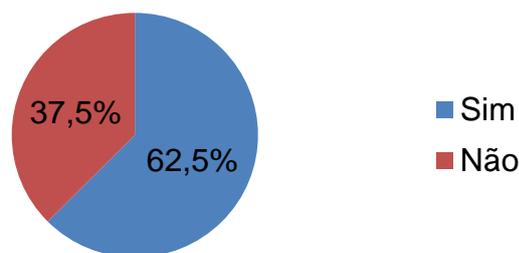
Fonte: Autoria própria

Portanto, os dados exibidos comprovam o objetivo da pesquisa em investigar profissionais da área da educação que residem no estado de São Paulo.

As pesquisadoras direcionaram a pesquisa a partir da seguinte pergunta “Você tem ou teve experiência com alunos surdos e/ou deficientes auditivos?”. No total ocorreram 24 respostas, 9 indivíduos responderam “não” e 15 afirmaram “sim”, para representar estes dados segue o gráfico 1.

Gráfico 1 – Experiência profissional

Você tem ou teve experiência profissional com alunos surdos e/ou deficientes auditivos?



Fonte: Autoria própria

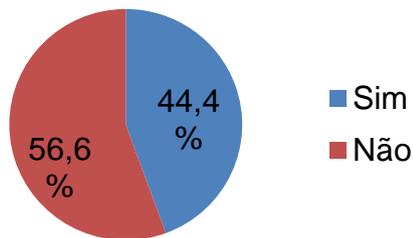
A partir das respostas recebidas da pergunta sobre a experiência profissional os participantes foram encaminhados para dois questionários distintos, porém possuíam no início três perguntas iguais, as quais serão juntamente discutidas a seguir para melhor comparação.

A primeira pergunta teve o objetivo de compreender se os indivíduos que tiveram ou não experiência com alunos surdos e/ou deficientes auditivos aprenderam a Língua de Sinais. Esta investigação ocorreu através da questão “Em sua formação acadêmica foi ensinado a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)?”, observou-se nos questionários dos profissionais que não atuaram com este público 4 respostas “Sim” e 5 “Não”, já nos questionários dos sujeitos que possuíram esta vivência 9 assinalaram “Sim” e 6 “Não”. Esses dados foram apresentados nos dois gráficos abaixo.

Gráfico 2 – Formação acadêmica dos participantes (profissionais que não possuem experiência).

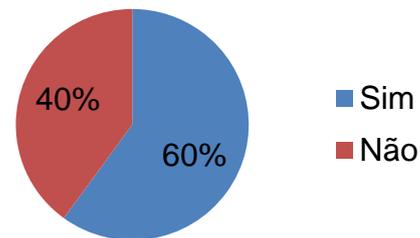
Gráfico 3 – Formação acadêmica dos participantes (profissionais que possuem experiência).

Em sua formação acadêmica foi ensinado a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)?



Fonte: Autoria própria

Em sua formação acadêmica foi ensinado a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)?



Fonte: Autoria própria

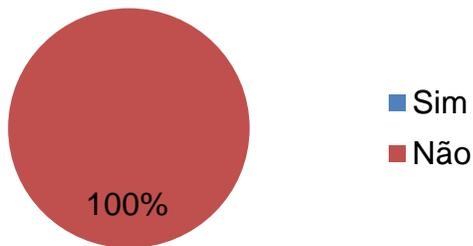
Nos dois gráficos é possível analisar que há profissionais que não receberam o ensino de LIBRAS em sua formação, entretanto o Decreto N° 5.626 de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005) já mencionado no trabalho, regulariza a implementação da língua de sinais como disciplina curricular nos cursos de Magistério, dentro do período de dez anos. Sendo assim, a partir destes dados é possível considerar duas hipóteses para a ausência deste conhecimento relatado pelos participantes, a primeira é que as instituições em que os indivíduos estudaram podem não ter implementado esta lei, considerando o prazo de dez anos. A segunda é que podem ter participantes que se formaram antes da lei ser regulamentada. É importante ressaltar que estas são somente hipóteses, não ocorreu uma investigação com os participantes em busca da justificativa.

A segunda pergunta apresentada nos dois questionários foi “Se sim, caso você precise utilizar dessa linguagem, ainda se lembraria?”. Esta questão não foi obrigatória, pois responderam somente os profissionais que tiveram em sua formação LIBRAS, no formulário dos indivíduos que não tiveram experiência com estes alunos, ocorreram 4 “não” e no formulário dos

participantes que tiveram este contato, foram contabilizadas 5 “sim” e 4 “não”. É fundamental destacar que aconteceu a anulação de 6 respostas, considerando que só deveria assinalar à pergunta quem teve em sua formação a língua de sinais. Para representar estes dados foi elaborado o gráfico 4 e 5.

Gráfico 4 – Memória dos participantes sobre LIBRAS (profissionais que não possuem experiência).

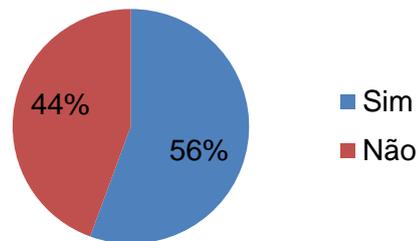
Se sim, caso você precise utilizar dessa linguagem, ainda se lembraria?



Fonte: Autoria própria

Gráfico 5 - Memória dos participantes sobre LIBRAS (profissionais possuem experiência).

Se sim, caso você precise utilizar essa linguagem, ainda se lembraria?



Fonte: Autoria própria

O primeiro gráfico mostra que 100% dos participantes que não tiveram vivência com este público, não se lembram da língua que foram ensinados, já o segundo gráfico indica que 44,4% dos profissionais que já tiveram experiência com surdos e/ou deficientes auditivos não se lembram das LIBRAS, o que são porcentagens consideráveis. Cassiano (2017) explica que a carga horária oferecida pelas instituições nos cursos de licenciatura é incapaz de formar um profissional capacitado para usar a língua de sinais, portanto para assegurar os direitos dos surdos ainda existem diversas ações que devem ser implementadas, começando com a formação de professores, que embora tenha sua garantia estabelecida em lei, ainda se mostra ineficiente.

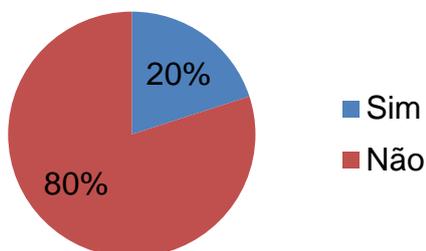
Diante dos dados já apresentados, fica evidente a importância dos profissionais buscarem constante aprimoramento, considerando que há uma porcentagem de indivíduos que não se lembram, até mesmo dos participantes que tiveram em sua formação a língua. Santos e

Pereira (2019) mencionam que a educação de qualidade vem acompanhada da necessidade de formação continuada por parte do professor, pois a partir desta ocorre a precisão de conhecimento progressivo, inovado e sistematizado, com a intenção de superar os desafios e dificuldades em sala de aula, para transformar a integração do aluno a real inclusão propostas pelas leis, mas que por vezes não possui êxito.

A terceira pergunta igualmente realizada nos dois questionários foi “Se não foi ensinado, você buscou se especializar?”. Esta questão não foi obrigatória, pois responderam somente os profissionais que não tiveram em sua formação LIBRAS, no formulário de indivíduos que não tiveram experiência com estes alunos, ocorreu 1 resposta “sim” e 4 “não”; já no formulário dos participantes que tiveram este contato foram contabilizados 2 “sim” e 4 “não”. É fundamental destacar que aconteceu a anulação de 8 respostas, considerando que só deveria assinalar à pergunta quem não teve em sua formação a língua, além disso houve uma profissional que não respondeu à questão. Para representar estes dados foram elaborados os gráficos 6 e 7.

Gráfico 6 – Busca por especialização (profissionais que não possuem experiência).

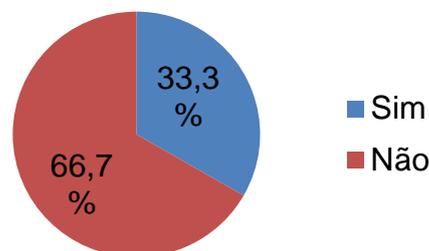
Se não foi ensinado, você buscou se especializar?



Fonte: Autoria própria

Gráfico 7 – Busca por especialização (profissionais que possuem experiência).

Se não foi ensinado, você buscou se especializar?



Fonte: Autoria própria

Baseado desta pergunta fica ainda mais evidente o quanto se demonstra essencial que os profissionais busquem se especializar, pois os dois gráficos apontam porcentagens elevadas de indivíduos que não procuraram o ensino

continuado. Como já relatado os surdos são amparados pela lei, possuem o direito de uma educação de qualidade, porém a realidade é diferente, há profissionais despreparados, sem formação apropriada para amparar este público e com isto podem ser excluídos na sala de aula, sem conseguirem acompanhar os conteúdos ensinados e até sem se comunicar com os colegas de maneira adequada (SANTOS; PEREIRA, 2019).

A partir deste parágrafo as questões que serão discutidas são do questionário destinado aos profissionais que não possuem experiência com alunos surdos e/ou deficientes auditivos.

A pesquisa buscou investigar se os participantes que não possuem especialização têm interesse em obter este conhecimento. É fundamental ressaltar que uma resposta precisou ser anulada, pois o profissional teve LIBRAS em sua formação, e outro participante escolheu não responder esta pergunta. Então, considerando que ocorreu o total de 7 respostas, 6 participantes (85,8%) afirmaram disposição para o estudo em LIBRAS e 1 indivíduo (14,2%) negou é possível observar que um número considerável de profissionais admitiram interesse em se especializar.

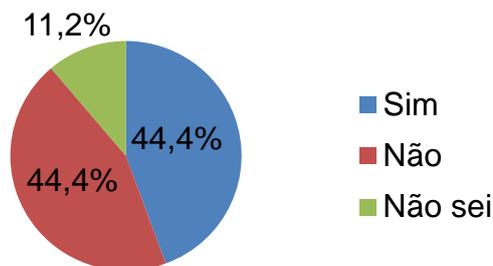
O empenho em se especializar pode ser considerado um ponto essencial para proporcionar a inclusão, pois como já citado é possível que capacitação dos profissionais promova um ambiente inclusivo. Lima et al. (2020) menciona que é possível verificar que houve avanços na Educação Inclusiva com a disciplina de LIBRAS nos cursos de Licenciatura e em Pedagogia, entretanto este é somente o primeiro passo para que o apoio necessário aos alunos surdos de escolas de ensino regular ocorra, uma vez que a realidade requer esforços para além dos conhecimentos adquiridos na graduação, quando o profissional se qualifica consegue compreender as reais dificuldades do seu aluno.

Para finalizar a análise deste questionário, serão juntamente discutidas duas questões, para que haja assim uma melhor comparação. Uma das perguntas é “Mesmo que você não tenha trabalhado diretamente, nos locais em que atuou teve algum aluno surdo ou deficiente auditivo?” foram contabilizadas 4 respostas “sim”, 4 “não” e 1 “não sei”. A outra questão é “Você

se sente preparada (o) para atuar com este público?”, ocorreram 2 respostas “sim” e 7 “não”. Para representar estes dados foi elaborado os dois gráficos abaixo

Gráfico 7 – Informação sobre alunos surdos ou deficientes auditivos nas escolas (profissionais que não possuem experiência).

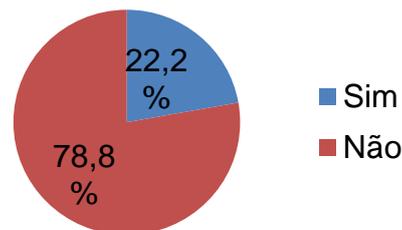
Mesmo que você não tenha trabalhado diretamente, nos locais em que atuou teve algum aluno surdo ou deficiente auditivo?



Fonte: Autoria própria

Gráfico 8 – Análise do preparo profissional (profissionais que não possuem experiência).

Você se sente preparada (o) para atuar com este público?



Fonte: Autoria própria

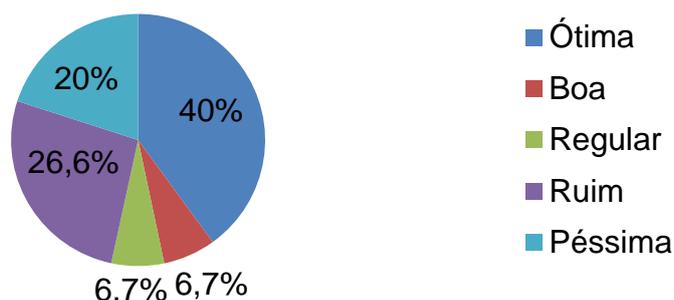
Os dados apontam porcentagens consideráveis de profissionais que mesmo não atuando diretamente com surdos e/ou deficientes auditivos, trabalham ou trabalhavam em locais que já receberam estes discentes. E o outro gráfico expõe porcentagens elevadas sobre o despreparo destes participantes, caso precisassem atuar com este público. Albernaz (2019) afirma que a ausência de preparo dos colaboradores afeta o desempenho acadêmico do aluno surdo, uma vez que o corpo educacional deve desenvolver projetos que beneficiem e respeitem a deficiência, além de ser canal de aprendizagem contínua, contudo essa não é uma realidade absoluta, a qual é possível presenciar a escassez de professores qualificados, falta do intérprete de Libras, ausência de propostas de inclusivas e de benefícios para o aluno surdo, assim a deficiência se torna constrangedora para o sujeito.

A partir deste parágrafo será analisado o formulário dos profissionais que tem ou tiveram experiência com alunos surdos e/ou deficientes auditivos através das respostas obtidas.

A pesquisa buscou investigar o nível de comunicação em LIBRAS dos profissionais que responderam ao questionário, foram contabilizadas 15 respostas no total, sendo elas 6 “ótima”, 1 “boa”, 1 “regular”, 4 “ruim” e 3 “péssima”. Para melhor apresentar os dados coletados, elaborou-se o gráfico abaixo. Gráfico 9 – Nível de comunicação dos profissionais (profissionais que possuem experiência).

Gráfico 9 – Nível de comunicação dos profissionais (profissionais que possuem experiência).

Como você considera sua comunicação através da LIBRAS



Fonte: Autoria própria

É possível observar no gráfico que existem 40% de pessoas que consideram sua comunicação “ótima”, entretanto a soma de todas as outras alternativas totaliza um número considerável de 60%. Portanto, é possível pensar o quanto a comunicação já é influenciada por não ser “ótima”.

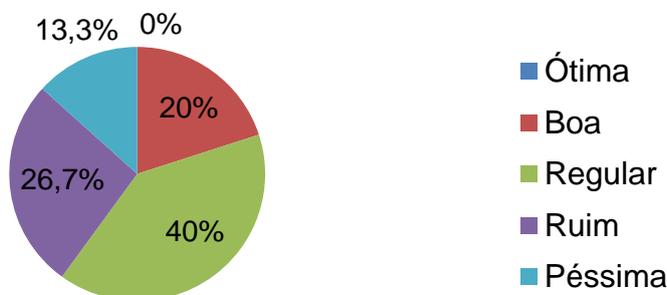
Pode-se refletir em como a falha na comunicação entre os profissionais e os alunos afeta a aprendizagem dos mesmos. Teles, Vêras e Araújo (2018) explicam que apenas o contato com a LIBRAS durante a formação não possibilita aos docentes conhecimentos necessários para serem fluentes, pois aprender a língua não ocorre de maneira rápida, é fundamental ter esforço e comprometimento. Levando em conta que diversos professores se interessam em estudar, mas como exige tempo podem se desinteressar, e assim limitam-se a figura do intérprete, os autores afirmam que neste modelo o sujeito não é

um participante ativo no processo de ensino e aprendizagem, pois não consegue estabelecer uma comunicação direta com os professores e seus pares. Nesta forma pode-se afirmar que ainda não houve a inclusão de fato, mas somente a integração do aluno surdo no ambiente, pois a educação inclusiva parte da premissa de uma interação completa, no processo de aprendizagem e na socialização. E para isto aqueles que fazem parte do meio educacional deveriam dominar a Libras.

A próxima questão analisada será “Como você avaliaria a socialização destes alunos?”, esta buscou investigar o âmbito social dos estudantes através da visão dos profissionais. Obtendo zero respostas “ótima”, 3 “boa”, 6 “regular”, 4 “ruim” e 2 “péssima”. Observa-se que a soma das alternativas escolhidas totaliza 100%, entretanto, como já apresentado a opção “ótima” não foi assinalada, pode-se concluir que em determinado aspecto a socialização desses indivíduos foi afetada.

Gráfico 10 – Nível de socialização dos alunos (profissionais que possuem experiência).

Como você avaliaria a socialização destes alunos?



Fonte: Autoria própria

É indiscutível que a socialização influencia a vida acadêmica de todos os indivíduos e quando afetada pode ocasionar danos psicológicos, não sendo diferente com os alunos surdos e deficientes auditivos. Para Santos e Silva (2019) há diversas consequências de ser surdo na sociedade, estas podem levar ao isolamento, a exclusão e a estigmatização, é possível que estes fatores ofereçam risco a saúde mental desta população, além dos obstáculos comunicacionais que são uma das principais dificuldades vividas pelas pessoas

surdas. Os pesquisadores também mencionam que adequar-se comunicativamente a sujeitos fora da comunidade ou círculo social pode ser uma estratégia importante para a interação e redução ou proteção da ansiedade desta população.

A aprendizagem destes estudantes também foi um dos temas pesquisados, portanto elaborou-se a seguinte questão “Ocorreu/ocorre algum déficit na aprendizagem deste aluno?”. Dos 15 profissionais que responderam 12 assinalaram “Sim” e 3 “Não”, o que pode ser considerado um número elevado de afirmativas, pois contabiliza 80% dos profissionais. Seguida da pergunta anterior foi feito o questionamento “Se sim, qual?” para compreender melhor este aspecto, esta questão não foi obrigatória. Desta forma serão discutidas 3 respostas que representam algumas das dificuldades na aprendizagem destes alunos. O participante 8 afirmou “*Em todos os casos onde trabalhei com surdos a aprendizagem não se processa no mesmo ritmos ou igualdade de condições comparando com a coletividade.*”

Os outros dois profissionais declararam:

As questões linguísticas sempre foram afetadas, pelo fato de não estarem em escolas bilíngues, ou pela demora de aceitação da família com a libras, também a recusa de professores em compartilhar material (pois os mesmos acham que a obrigação é do interprete em ensinar)” (participante 6). [sic]

“Os déficits na aprendizagem destes alunos, embora evidentes, ficam subsumidos aos déficits dos demais estudantes com desempenhos escolares insatisfatórios. Isso ocorre porque a própria Secretaria da Educação do Estado de SP e o Ministério da Educação não contam com métodos específicos para avaliar o progresso destes discentes.” (participante 4). [sic]

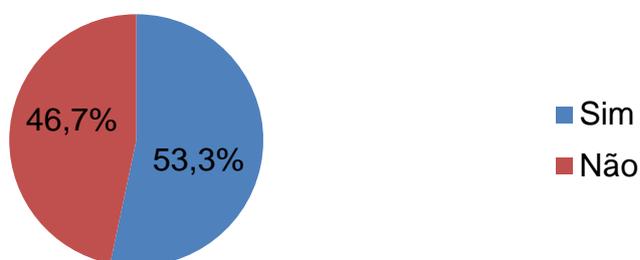
É possível observar que os principais pontos abordados nas falas dos participantes estão relacionados ao desempenho, questões linguísticas, métodos e materiais utilizados pelos professores. Rautenberg (2017) explica que uma das questões relacionadas às dificuldades na aprendizagem é a diferença linguística presente entre professor e alunos, portanto o ensino bilíngue que inclui a LIBRAS e a Língua Portuguesa, ainda não é utilizado em todas as escolas regulares do país, o que prejudica a compreensão dos conhecimentos que são transmitidos em livros didáticos e demais meios de comunicação apresentados na forma oral e escrita. A autora informa que a ausência de audição não atrapalha o intelecto do surdo, porém sua

aprendizagem pode ser prejudicada a medida que as estratégias no contexto escolar são, em sua maioria, focadas aos alunos ouvintes, considerando que as instituições educacionais brasileiras apresentam métodos pedagógicos que visam à linguagem oral em aulas expositivas.

Outra questão levantada foi “Há outro profissional que auxilia este aluno na escola?”, obtendo o total de 15 respostas, sendo 8 “sim” e 7 “não”. Para identificar quais foram os profissionais que atuam com os estudantes perguntou-se “Se sim, qual?”, não sendo esta questão obrigatória. Foram contabilizadas 7 respostas, 3 direcionadas a interprete de Libras, 2 ao professor da sala de recursos e outras 2 que foram “auxiliar” e “cuidador”, entretanto não foi possível identificar o cargo exato ocupado devido à falta de informações oferecidos pelos participantes.

Gráfico 11 – Presença de auxiliar para os alunos (profissionais que possuem experiência).

Há outro profissional que auxilia este aluno na escola?



Fonte: Autoria própria

Dentro do ambiente escolar há diversos meios que buscam promover o desempenho dos alunos e como citado pelos profissionais que responderam à pesquisa, os discentes surdos ou deficientes auditivos das instituições em que atuaram recebiam o auxílio do Interprete de Libras e da Sala de Recursos. O Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, afirma que as escolas devem prover o Tradutor e Intérprete de Libras (Língua Portuguesa) e garantir o suporte às necessidades educacionais especiais dos indivíduos surdos, a partir

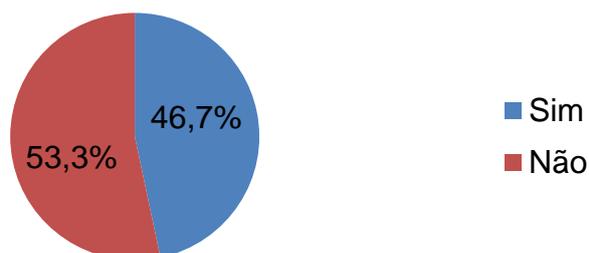
da educação infantil nas salas de aula e também a salas de recursos, que deve utilizar o turno contrário ao da escolarização (BRASIL,2005).

É possível perceber através das respostas que existe uma porcentagem considerável de profissionais (46,7%) que assinalaram não terem auxiliar para o aluno, mesmo que isto esteja garantido por lei. Segundo Santos (2018) diversas diretrizes para o trabalho com alunos surdos podem ser inviabilizadas caso não seja identificado nas escolas recursos humanos e materiais necessários, é possível refletir sobre quantos planejamentos de aula foram frustrados devido à falta de intérpretes, portanto se mostra indispensável requerer das secretarias de Educação o suporte que a elas pertencem para a efetivação da inclusão, por exemplo a contratação de intérpretes, incentivo de formação continuada, tempos previsto ao planejamento e à troca entre docentes dentro da carga horária de trabalho e aquisição/elaboração de materiais pedagógicos específicos.

Além dos temas relacionados à aprendizagem e comunicação desenvolvidos no trabalho, a pesquisa buscou compreender os aspectos sociais envolvidos na vivência destes alunos, mesmo que a socialização já tenha sido investigada, determinadas questões mais específicas foram estudadas afundo. O bullying foi pesquisado através da seguinte questão “Percebe algum tipo de bullying com estes alunos?”. Obtendo 7 respostas “sim” e 8 “não”. Estes dados foram representados no gráfico abaixo.

Gráfico 12 – Ocorrência de bullying (profissionais que possuem experiência).

Percebe algum tipo de bullying com estes alunos?



Fonte: A autoria própria

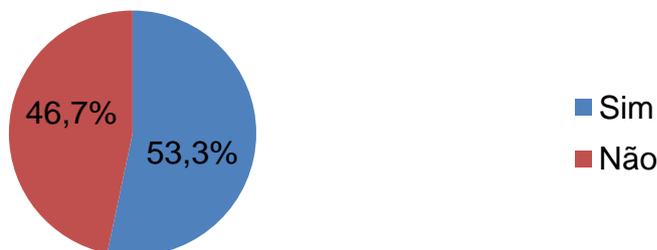
Seguida da pergunta anterior houve o questionamento "Se sim, qual?" para compreender melhor como este fenômeno ocorre com os indivíduos surdos e deficientes auditivos, a questão não foi obrigatória. Alguns comentários se destacaram, sendo eles, "*Não é algo generalizado, mas normalmente o surdo é chamado de "mudinho" e é algo de brincadeiras entre os alunos.*" (participante 8); "*Atitudes veladas de distanciamento e exclusão dos "grupos" de amigos que se formam naturalmente em um dado conjunto de estudantes.*" (participante 4).

Pode-se analisar no gráfico 12 que a maioria dos profissionais relataram não perceber o bullying com estes sujeitos, entretanto há um número considerável que afirmou que esta situação ocorre, além dos relatos apresentados, o que merece atenção por parte dos profissionais da educação e psicólogos. O bullying se identifica em ações como, intuito de causar danos, permanência das agressões contra o alvo, falta de motivos que justifiquem os ataques, assimetria de poder e danos às vítimas, a repetição das agressões pode resultar em insegurança e medo, além de prejuízos psicoemocionais, como ansiedade, apatia, agressividade, oscilação de humor, distúrbios alimentares, disfunções de sono, sintomas de ordem psicossomática e de problemas no processo de aprendizagem, além de prejuízos imediatos como a dificuldade de concentração, de cumprir regras, baixo rendimento, distanciamento dos objetivos escolares, absenteísmo, reprovação, evasão escolar (PLAN INTERNATIONAL, 2019).

Outro tema referente a socialização pesquisado foi em relação as situações excludentes, formulou-se a seguinte questão "Já presenciou algum tipo de situação excludente com estes alunos?". Obtendo 8 respostas "sim" e 7 "não". Estes dados foram representados no gráfico abaixo.

Gráfico 13 – Ocorrência de situações excludentes (profissionais que possuem experiência).

Ja presenciou algum tipo de situação excludente com estes alunos?



Fonte: Aatoria própria

Seguida da pergunta anterior houve o questionamento "Se sim, qual?" para compreender melhor como esta situação ocorre com os indivíduos, a questão não foi obrigatória. Alguns comentários se destacaram, sendo eles, *"Na maioria das vezes o surdo é acolhido e protegido por alguém do grupo de colegas da turma, mas também é segregado para realização de várias atividades coletivas, inclusive pela falta de acessibilidade e pela cultura exclusiva"* (participante 8); *"Nos intervalos por conta da dificuldade da comunicação, muitas vezes ou os surdos se juntavam ou ficavam sozinhos por não conseguir conversar com ninguém, além da Intérprete"* (participante 18).

Considerando as falas citadas e o gráfico observa-se a existência de situações excludentes com esta população, reforçando o que foi dito sobre a importância da atenção voltada para a socialização destes alunos por profissionais da educação e psicólogos. Para Araújo (2018) os preconceitos ocorrem inicialmente na forma linguística, portanto são indispensáveis alterações e intervenções educacionais que considerem as necessidades concretas dos discentes, pois se percebe ser comum o sentimento de exclusão dos surdos. Segundo a autora, as instituições escolares, são reprodutoras culturais e sociais e devem auxiliar na redução do preconceito quanto à diferença, colaborando para o desenvolvimento igualitário da população, sendo de suma importância palestras nas escolas, trabalhando o preconceito e o bullying.

Para concluir a análise dos gráficos serão discutidas duas questões, sendo a primeira "Quais desses desafios são ou foram enfrentados por você?"

com as seguintes alternativas, “comunicação”, “família”, “falta de acessibilidade na escola”, “socialização entre alunos”, “inclusão”, “adaptação de materiais” e “adaptação na dinâmica da aula”. Já a segunda pergunta foi “Quais desses desafios são ou foram enfrentados pelo aluno?” contendo as opções a seguir: “comunicação”, “família”, “falta de acessibilidade na escola”, “socialização entre alunos”, “inclusão”, “exclusão” e “dificuldade para compreender os materiais”. As respostas das duas questões foram organizadas nos gráficos abaixo.

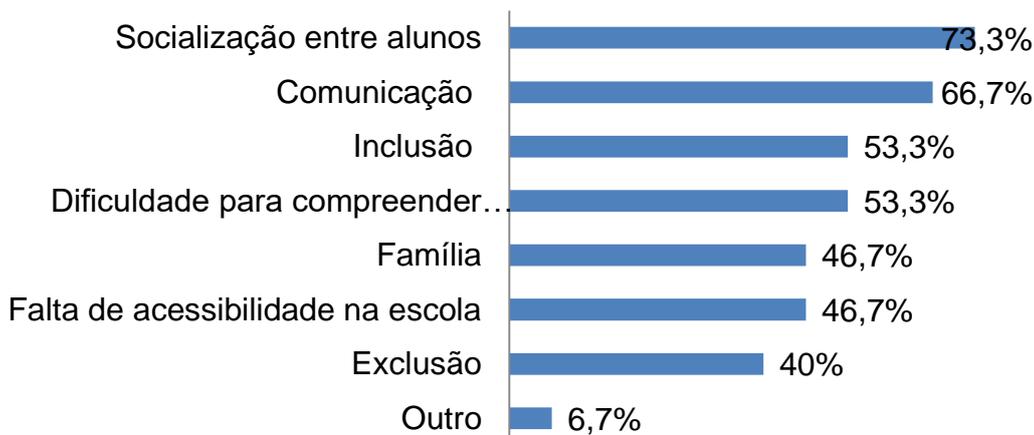
Gráfico 14 – Desafios enfrentados pelos profissionais (profissionais que possuem experiência).



Fonte: Autoria própria

Gráfico 15 – Desafios enfrentados pelos alunos (profissionais que possuem experiência).

Quais desses desafios são ou foram enfrentados pelo aluno? Assinale mais de uma alternativa se for o caso.



Fonte: Autoria própria

Temas como, socialização, comunicação e exclusão já foram trabalhados anteriormente, portanto a análise dos gráficos se desenvolverá a partir dos outros assuntos selecionados nas respostas dos participantes, considerando que todas as opções apresentaram porcentagens significativas para serem discutidas.

As alternativas “Adaptação na dinâmica da aula” e “Adaptação de materiais” foram as mais votadas na questão direcionada aos desafios dos profissionais e na pergunta sobre os desafios dos alunos, a opção “Dificuldade para compreender os materiais” teve uma porcentagem considerável, já que ultrapassou 50% dos votos. Portanto, esta temática relacionada a materiais e métodos utilizados em sala de aula, pode ser um obstáculo enfrentado pelos discentes e docentes o processo de educação

Ribeiro (2020) propõe estratégias para o desenvolvimento da aula, para a autora o sujeito surdo compreende os conceitos por meio da visão, sendo assim, o aprendizado será facilitado se a informação for disponibilizada de forma visual, além disso, é fundamental que o planejamento da aula aconteça em parceria entre o professor e intérprete, os conteúdos, objetivos, recursos e meios de avaliação devem ser claros para que não ocorram dúvidas ao intérprete quando for traduzir a fala do docente. Segundo a pesquisadora é essencial que no uso de slides o profissional não coloque textos longos, nem

muitas imagens, quando colocadas devem ter relação direta com o conteúdo de forma que o discente associe e compreenda.

Seguindo a ordem decrescente das porcentagens do gráfico e considerando os temas já analisados, observa-se a necessidade de discutir sobre a falta de acessibilidade nas escolas citadas nas questões, um desafio enfrentado pelos profissionais e alunos. Silva e Oliveira (2019) explicam que questões de acessibilidade no caso dos surdos demandam adequações linguísticas, em um país com forte predomínio monolíngue, romper os obstáculos de aprender uma segunda língua é por si só uma barreira para a Educação, sendo assim, os professores necessitam ser estimulados e o governo deve ter ciência desta problemática para possibilitar capacitações efetivas aos docentes e instrumentalizá-los ao trabalho de qualidade, uma vez que o processo de ensino cabe ao professor e não ao intérprete de Libras.

Apesar das opções “inclusão” e “família” não possuem porcentagens altas comparadas como as outras alternativas nos dois gráficos, ainda sim é um índice significativo, considerando a importância que estes fatores representam na vida dos estudantes. Pinheiro, Lima e Silva (2019) afirmam que a educação inclusiva não é somente inserir o aluno surdo em uma turma regular, sem garanti-lo suporte adequado e proporcionar condições de aprendizagem, sendo assim, quando não há estes recursos o ato de incluir condiz com uma inclusão excludente. Em relação à família, os autores explicam que esta possui um papel significativo no processo inclusivo, considerando que geralmente se encontra no contexto familiar princípios essenciais é possível que esta estrutura influencie de modo positivo ou negativo o desenvolvimento escolar.

Para finalizar a discussão dos resultados é indispensável compreender o motivo de uma pesquisa na área de Psicologia focalizar em aspectos relacionados à aprendizagem e socialização de alunos surdos ou deficientes auditivos. Como observado nos resultados apresentados através da perspectiva exposta pelos profissionais, estes fatores influenciam a saúde mental dos alunos mesmo que indiretamente. Riterbuche, Maffini e Gonçalves (2021) mencionam que é fundamental reconhecer a importância da qualificação do psicólogo no atendimento da população surda e de sua cultura, é necessário escutar para além das palavras, pois a transformação social é papel

de todos, porém o/a psicólogo/a ao investir em tal compromisso pode favorecer a noção de pertencimento de uma comunidade minoritária. As autoras também explicam a importância de considerar o indivíduo para além de sua perda auditiva, com sua trajetória, redes afetivas, anseios e visões de mundo, sendo fundamental assegurar os princípios básicos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, portanto pode-se refletir sobre a importância da capacitação que promove o amparo e acolhimento para esta população.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente mostra-se necessário destacar que todos os dados coletados refletem o ponto de vista dos profissionais da educação, podendo ser diferente diante a realidade vivida pelo sujeito surdo ou deficiente auditivo. É possível refletir que os participantes não possuem o contado integral com os alunos, logo podem ocorrer situações com estes indivíduos que passam despercebidas.

Diante dos resultados obtidos na pesquisa fica evidente a importância do tema trabalhado perante a sociedade, considerando os desafios encontrados por esta população. Foi possível observar que a aprendizagem destes estudantes é afetada, devido à falta de recursos acerca do âmbito educacional para auxiliar e amparar os discentes, indo para além deste contexto, pode-se pensar o quanto estes sujeitos serão acometidos por estas falhas em longo prazo.

Durante a realização do trabalho foi possível encontrar referenciais teóricos que abordam diversos aspectos desta população, entretanto, quando a busca volta-se para a perspectiva dos surdos e deficientes auditivos, os resultados são reduzidos. Foi possível observar na realização dos questionários que nem mesmo a presente pesquisa buscou a visão deste público, demonstrando assim o quanto a opinião desta comunidade por vezes é desconsiderada. Portanto, uma sugestão para trabalhos futuros é direcionar a pesquisa para a visão dos mesmos, buscando compreender quais são seus sentimentos diante de suas experiências.

6. REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Leidiane Lobo. **As dificuldades no ensino de física para alunos surdos**. Orientadora: Profa. Dra. Marili Peres Junqueira. 2019. 72 f. Dissertação (Pós-Graduação) - Curso de Sociologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/27388/1/EnsinoSociologiaEstudantes.pdf>. Acesso em: 27 out. 2021.

ALMEIDA, Wolney Gomes. **Libras**: Introdução à língua brasileira de sinais. Ilhéus. 1. ed. Bahia: UAB/UESC, 2013a. 21 p. Disponível em: <http://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/398613.pdf>. Acesso em: 27 out. 2021.

ALMEIDA, Wolney Gomes. **Libras**: Introdução à língua brasileira de sinais. Ilhéus. 1. ed. Bahia: UAB/UESC, 2013b. 17 p. Disponível em: <http://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/398613.pdf>. Acesso em: 27 out. 2021.

ALVES, Sandra Maria de Lima; CAVALCANTI, Wanilda Maria Alves. Implicações sobre a aquisição da língua portuguesa por surdos: algumas reflexões sobre o ensino e aprendizagem da escrita. **Revista Diálogos: linguagens em movimento**, Mato Grosso, v. 7, n. 2, p. 12-26, maio-ago. 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/8009>. Acesso em: 27 out. 2021.

ARAÚJO, Andressa Araújo. **Surdez e preconceito: uma análise a partir dos estudantes surdos e dos pais de surdos**. Orientador: Prof. Dr. Joilson Pereira da Silva. 2018. 144 f. Dissertação (Pós-Graduação) - Curso Psicologia Social, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/7512/2/ANDRESSA_ARAUJO_ARAUJO.pdf. Acesso em: 27 out. 2021.

AZEVEDO, Luciene Ferreira; ALENCAR, Rosy Mikaely Gomes. A importância do ensino da Língua Brasileira De Sinais - (LIBRAS) para educação infantil e formação dos professores das séries iniciais. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.1, p. 5648-5671, jan. 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/download/23215/18645>. Acesso em: 27 out. 2021.

BORBOREMA, Crislaine Santos; AGUILLERA, Fernanda. Criança com deficiência auditiva e família: desafios e contribuições da psicologia. **Rev. Psicologia, Diversidade e Saúde**, Bahia, v.6, n. 2, p. 132-137, mai. 2017. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1209/891>. Acesso em: 27 out. 2021.

BORSA, Juliane callegaro. O papel da escola no processo de socialização infantil. **Psicologia.pt- O Portal dos Psicólogo. Porto, PT**: Borsa, 2007. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0351.pdf>. Acesso em: 27 out. 2021.

BRASIL. Decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nos 10.048, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm. Acesso em: 27 out. 2021.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 27 out. 2021.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=8D2C69EB80CB201A6BEE2E70580FA670.proposicoesWebExterno1?codteor=707546&filename=LegislacaoCitada+-PRC+211/2009. Acesso em: 27 out. 2021.

BRASIL. Art. 205. Promulgado no dia 05 de outubro de 1988. Título VIII Da Ordem Social. Capítulo III Da Educação, da Cultura e do Desporto. Seção I Da Educação. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_05.10.1988/art_205_.asp. Acesso em: 27 out. 2021.

CASSIANO, Paulo Victor. O surdo e seus direitos: os dispositivos da lei 10.436 e do decreto 5.626. **Revista virtual de cultura surda**, Petrópolis, v.2, n. 21, p. 1-28, mai. 2017. Disponível em: <https://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/3%C2%BA%20Artigo%20de%20Cassiano.pdf>. Acesso em: 27 out. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**: Resultados Gerais da Amostra. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://prattein.com.br/home/images/stories/Direitos_da_Criana_e_do_Adolescente/resultados_gerais_amostra.pdf. Acesso em: 27 out. 2021.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n69/a04v2669.pdf>. Acesso em: 27 out. 2021.

LIMA, Jaqueline Costa da Silva et al. A ação pedagógica do professor frente a abordagem bilingue: uma experiência formativa em libras. *In*: Cointer PdvI 2020

Congresso Internacinal das Licenciaturas, 7., 2020, Recife, **Anais eletrônicos**, Recife: Instituto Internacional Despertando Vocações, 2020, p. 1-16. Disponível em: <https://cointer.institutoidv.org/smart/2020/pdvl/uploads/1660.pdf>. Acesso em: 27 out. 2021.

MACÊDO, Ludmilla da Silva; TORRES, Cláudia Regina Vaz. Psicologia inclusiva: a importância do atendimento psicoterapêutico a pessoas surdas. In: Seminário luso-brasileiro de educação inclusiva: o ensino e a aprendizagem em discussão, 1., 2017, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**, Porto Alegre: ediPUCRS. p.1150-1162. Disponível em: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/i-seminario-luso-brasileiro-de-educacao-inclusiva/assets/artigos/eixo-10/completo-7.pdf>. Acesso em: 27 out. 2021.

PINHEIRO, Moisaniel Oliveira; LIMA, José Willen Brasil; SILVA, Adriana de Moraes. **Surdez e Inclusão Educacional: Diálogos acadêmicos acerca da educação de surdos**, Porto Alegre, 2019. Disponível em: https://3c290742-53df-4d6f-b12f-6b135a606bc7.filesusr.com/ugd/48d206_9e17684a87cb4b2e87ed274ba46fb0ef.pdf. Acesso em: 27 out. 2021.

PLAN INTERNATIONAL. **Manual prático bullying não é brincadeira**. São Paulo, 2019. Disponível em: https://plan.org.br/wp-content/uploads/2019/03/manual_bullying_sem.compressed.pdf. Acesso em: 27 out. 2021.

RAUTENBERG, Eliana. **As dificuldades no ensino de física para alunos surdos**. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sonia Maria Silva Correa de Souza Cruz. 2017. 63 f. Trabalho Conclusão do Curso (Graduação) - Centro de Ciências Físicas e Matemáticas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/183466/TCC%20ELIANA%20RAUTENBERG%20revisado1.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 out. 2021.

RIBEIRO, Elizabete Siqueira. **Entre a casa e a escola: percurso autoformativo como alfabetizadora bilingue de criança surda – um estudo autobiográfico**. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luzia Guacira dos Santos Silva. 2020. 213 f. Dissertação (Pós-Graduação) - Curso Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/30714/1/Entreacasaeaescola_Ribeiro_2020.pdf. Acesso em: 27 out. 2021.

RITERBUSCHE, Camila da Silva; MAFFINI, Gabriela; GONÇALVES, Camila dos Santos. Equidade e saúde mental: desafios do trabalho do psicólogo com as pessoas surdas. **Research, Society and Development**, São Paulo, v. 10, n. 4, p. 1-10., 2021. Disponível em: <https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14208>. Acesso em: 27 out. 2021.

SANTOS, Fábio; SILVA, Joilson Pereira. Ansiedade entre as pessoas surdas: um estudo teórico. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v.71, n.1, p.143-157, jan./abr. 2019. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v71n1/11.pdf>. Acesso em: 27 out. 2021.

SANTOS, Paulo José Assumpção. **Caderno de orientações e sugestões para o ensino de história em classes inclusivas com alunos surdos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018. Disponível em: https://cienciahoje.org.br/wp-content/uploads/2020/11/PauloAssumpcao_CadernoDeOrientacoesSugestoesParaoEnsinoDeHistoriaEmClassesInclusivasComAlunosSurdos.pdf. Acesso em: 27 out. 2021.

SANTOS, Rayssa Feitoza Felix. **Relação entre o professor de matemática e o intérprete de libras: diferenças e repetições no processo de ensino**. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daniella Rodrigues de Farias. 2020. 122 f. Dissertação (Pós-Graduação) - Curso de Educação em Ciências e Matemática, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2020. Disponível em: <https://attena.ufpe.br/bitstream/123456789/37805/1/DISSERTA%c3%87%83%80%20Rayssa%20Feitoza%20Felix%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em: 27 out. 2021.

SANTOS, Sidneide Maria da Conceição; PEREIRA, Daniane. Libras e sua importância na formação de professores na educação de surdos. **Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade**, Bom Jesus da Lapa, v. 1, n. 2, p. 139-158, mai./ago. 2019. Disponível em:
<https://revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/7998/pdf>. Acesso em: 27 out. 2021.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Nomenclatura na área da surdez. **Prefeitura de São Paulo**. São Paulo, SP: Sasaki, 2002. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/arquivos/deficiencia/Nomenclatura_na_area_da_surdez.pdf. Acesso em: 27 out. 2021.

SILVA, Luane Costa; OLIVEIRA, Gláucia Caroline Silva. A experiência de professores em salas inclusivas frequentadas por surdos: os desafios do acesso ao ensino de qualidade. **Instrumento: Revista de Estado e Pesquisa em Educação**, Juiz de Fora, v. 21, n. 1, p. 102-118, jan./jun. 2019. Disponível em:
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/19083/18297>. Acesso em: 27 out. 2021.

SOUZA, Pedro Paulo Ubarana de. Educação de surdos no Brasil: uma narrativa histórica. *In*: Conedu congresso nacional de educação, 5., 2018, Olinda. **Anais eletrônicos**, Olinda: Conedu, 2018. p. 1-9. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA3_ID9436_09092018120254.pdf. Acesso em: 27 out. 2021.

TELES, Damares Araújo; VÉRAS, Francisca Samaritana Saudita de Oliveira; ARAÚJO, Leidiane de Carvalho. O aluno surdo na escola regular: os desafios da inclusão. *In*: Conedu Congresso Nacional da Educação, 5.,

2018. Olinda. **Anais eletrônicos**, Olinda: Conedu, 2018. p. 1-12. Disponível em:
https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_M D1_SA10_ID6046_12092018173715.pdf. Acesso em: 27 out. 2021.

7. Anexos

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Profissionais da área da educação estão sendo convidados a participar deste projeto de pesquisa. Por favor, leia cuidadosamente toda a informação a seguir. Peça-nos para explicar quaisquer palavras ou termos que não estejam claros para você. Estamos a sua disposição para responder qualquer pergunta ou dúvida que você tenha sobre esta pesquisa. Não assina-le este termo de consentimento antes de entender todas as informações contidas nele e esclarecer todas as suas dúvidas. Após todos os esclarecimentos, se você decidir participar deste estudo, será solicitado que assina-le este termo. Você receberá uma cópia deste termo no seu email e deverá guardar sua cópia. Este documento apresenta informações incluindo, nomes e números de telefones importantes, que você poderá necessitar no futuro. Declaro que tomei ciência, que fui esclarecido(a) e que não tenho dúvidas quanto a minha participação nesta pesquisa. De acordo com os termos abaixo relacionados, fui informado que: 1) O objetivo deste estudo é coletar dados sobre alunos surdos e deficientes auditivos, dando início a pesquisa online através de formulários. 2) O participante que concordar em participar do presente estudo deverá informar dados e responder questionários de forma remota. 3) A pesquisa será realizada com risco mínimo, no qual não será aplicada nenhuma intervenção ou modificação intencional nas variáveis fisiológicas ou psicológicas e sociais dos indivíduos que participam no estudo. No entanto, caso o participante ao responder a entrevista apresente o sentimento de aflição, preocupação, medo, constrangimento entre outras emoções desconfortáveis, com o intuito de minimizar tal desconforto, poderá acessar o pesquisador imediatamente, pelos dados apresentados neste termo, para o esclarecimento de possíveis dúvidas quanto ao tema da pesquisa e os tipos de perguntas da mesma. Diante de tal explicação espera-se que seja esclarecido ao entrevistado que as perguntas

não contêm invasão de privacidade como temas políticos, religiosos ou étnicos raciais. Os questionários serão respondidos de forma anônima, podendo o entrevistado desistir de sua participação a qualquer momento e não tendo, em hipótese alguma, sua identidade revelada. 4) Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é SOMENTE para autorizar a utilização dos dados coletados neste estudo. Estou ciente que tenho total liberdade para pedir maiores esclarecimentos antes e durante o desenvolvimento da pesquisa. Se tiver qualquer dúvida poderei entrar em contato com os pesquisadores. 5) Não será oferecido nenhum tipo de pagamento pela minha participação na pesquisa e que terei a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de minha responsabilidade. 6) Autorizo, para devidos fins, o uso, a divulgação e publicação em revistas científicas dos dados obtidos nesta pesquisa, desde que eu não seja identificado. Tenho, por parte dos pesquisadores, a garantia do sigilo (segredo) que garante a minha privacidade. 7) Essa pesquisa terá como benefícios expor para famílias, profissionais da educação, profissionais da psicologia e para todos que se interessam por essa área os desafios enfrentados no âmbito da educação por alunos com surdez e deficiência auditiva, para que com isso, seja possível incentivar discursos e conversas para promover melhoras e encontrar soluções para o problema. 8) Entendo que posso fazer qualquer pergunta sobre tudo o que acontece na pesquisa e que eu sou livre para não participar da pesquisa ou para retirar meu consentimento de participação a qualquer momento, sem nenhum prejuízo de minha parte. Para entrar em contato: Angela Catuta (angela.catuta@gmail.com), Bárbara Modenes Zacri - barbara.senhor@gmail.com (017988239055), Thayná Correa Lemos Andrade - thaynacorrea99@gmail.com (017988325813)*. Número de respostas: 24 respostas.

Li e concordo participar desta pesquisa.

ANEXO B - QUESTÕES REALIZADAS

Cidade em que atua.

Formação e campo em que atua.

1- Você tem ou teve experiência profissional com alunos surdos e/ou deficientes auditivos?

Sim

Não

Profissionais que não possuem experiência durante sua carreira com o público alvo.

1- Em sua formação acadêmica foi ensinado a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)?

Sim

Não

2- Se não foi ensinado, você buscou se especializar? (resposta não obrigatória).

Sim

Não

3- Se sim, caso você precise utilizar dessa linguagem, ainda se lembraria? (resposta obrigatória).

Sim

Não

4- Caso não tenha se especializado, possui interesse? (resposta não obrigatória).

Sim

Não

- 5- Mesmo que você não tenha trabalhado diretamente, nos locais em que atuou teve algum aluno surdo ou deficiente auditivo?

Sim

Não

Não sei

- 6- Você se sente preparada (o) para atuar com este público?

Sim

Não

Profissionais que possuem experiência.

Idade do(s) aluno(s) que teve experiência, caso se lembre (resposta não obrigatória).

- 1- Em sua formação acadêmica foi ensinado a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)?

Sim

Não

- 2- Se sim, caso você precise utilizar essa linguagem, ainda se lembraria? (resposta não obrigatória).

Sim

Não

- 3- Se não foi ensinado, você buscou se especializar? (resposta não obrigatória).

Sim

Não

- 4- Como você considera sua comunicação através da LIBRAS?

Ótima
Boa
Regular
Ruim
Péssima

5- Quais desses desafios são ou foram enfrentados por você? Assinale mais de uma alternativa se for o caso.

Comunicação
Família
Falta de acessibilidade na escola
Socialização entre alunos
Inclusão
Adaptação de materiais
Adaptação na dinâmica da aula
Outros

6- Quais desses desafios são ou foram enfrentados pelo aluno? Assinale mais de uma alternativa se for o caso.

Comunicação
Família
Falta de acessibilidade na escola
Socialização entre alunos
Inclusão
Exclusão
Dificuldade para compreender os materiais
Outros

7- Como você avaliaria a socialização destes alunos?

Ótima
Boa
Regular
Ruim
Péssima

8- Ocorreu/ocorre algum déficit na aprendizagem deste aluno?

Sim

Não

9- Se sim, qual? (resposta não obrigatória).

10-Há outro profissional que auxilia este aluno na escola?

Sim

Não

11- Se sim, qual? (resposta não obrigatória).

12-Percebe algum tipo de bullying com estes alunos?

Sim

Não

13- Se sim, exemplifique (resposta não obrigatória).

14-Já presenciou algum tipo de situação excludente com estes alunos?

Sim

Não

15- Se sim, exemplifique (resposta não obrigatória).